

Educação histórica: percepção de crianças sobre tempo e espaço em imagens da cidade de Goiânia¹

History education: children's perception of time and space in images "Goiânia" city

*Maria da Conceição Silva**
Universidade Federal de Goiás

*Eunice Antunes Fleury***
Rede Municipal de Ensino de Goiânia

Resumo Esta pesquisa investiga exercícios produzidos por crianças de 10 anos de idade, que cursam a turma E, do Ciclo II (5º ano do Ensino Fundamental), da Escola Municipal Prof. Lourenço Ferreira Campos, da cidade de Goiânia. O objetivo foi analisar como essas crianças se relacionam com o passado e como percebem a mudança no tempo e no espaço, a partir de três imagens da cidade de Goiânia em diferentes épocas. Foram selecionadas três fotos, dos anos de 1937, 1942 e 2011, para a realização da tarefa em sala de aula. Considerou que a cidade Goiânia foi planejada e começou a ser construída na década de 1930, sendo que no ano de 1942 ocorreu seu batismo cultural com as festividades cívicas promovidas pelo poder público.

PALAVRAS-CHAVE: Educação histórica; Tempo; Espaço; Aprendizagem histórica.

Abstract This research investigates exercises produced by ten-year-old children, attending the class E, Cycle II (5th grade of the elementary school), from *Prof. Lourenço Ferreira Campos* public school, located in Goiânia. It aimed to analyze how these children relate to the past and how they perceive the changing in time and space, considering three images of Goiânia city, it in different times. Three pictures of the city were selected, taken in 1937, 1942 and 2011, in order to execute the proposed task. It was brought to light that Goiânia city was planned and its construction started in the 1930s, whereas, in 1942, its cultural baptism composed of civic festivities was held and organised by the government.

KEYWORDS: History education; Time; Space; Historical learning.

Este artigo é parte dos resultados das atividades desenvolvidas no Curso de Formação de Professores durante os anos de 2013 e 2014, cuja metodologia consistiu-se em discussões teóricas a partir de leituras e debates de conceitos-chave usados em pesquisas com o método da Educação histórica, notadamente no ano de 2013. Em 2014, além da continuidade das leituras e discussões teóricas realizou-se a prática investigativa nas escolas da Rede Municipal de Goiânia. O curso teve como objetivos, em suas etapas teóricas e práticas, munir os participantes (professores/professoras) de conhecimentos teóricos e metodológicos para a realização de pesquisa com alunos da Rede Municipal de Educação de Goiânia. Um dos importantes focos de análise foi o tratamento teórico e metodológico da Educação histórica, que traz à luz a investigação em narrativas de estudantes em processo de escolarização. Os professores cursistas elaboraram exercícios cognitivos e aplicaram-nos aos seus estudantes em sala de aula. Em seguida, realizaram análise teórica nas narrativas (fontes), apresentando os resultados em seminários como uma das partes conclusivas do curso.

Nesse sentido, esta pesquisa constituiu-se em uma das atividades planejadas e realizadas com alunos do agrupamento E (Ciclo II, 5º ano do ensino fundamental), da Escola Municipal Prof. Lourenço Ferreira Campos, localizada no bairro Jardim Guanabara II, região norte de Goiânia. No documento intitulado *Diretrizes Curriculares para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência - Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano*, da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (Resolução – CME n. 119, 25 de junho de 2008, Rede Municipal de Educação de Goiânia), todo o trabalho pedagógico e didático orienta-se a partir das idades de vida e formação humana, desde o planejamento e organização das atividades até a intervenção do educador no processo de ensino-aprendizagem (ARROYO, 1999). Desde 2001, a Rede Municipal de Educação de Goiânia vem reorganizando “os tempos e espaços de aprendizagem na escola de acordo com as fases do desenvolvimento humano: infância, pré-adolescência e a adolescência” (*Diretrizes Curriculares para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência - Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano*, 2009, p. 61). Seguindo essas normativas de organização escolar, por ciclos de formação do indivíduo, realizou-se esta pesquisa com a turma de estudantes (meninos e meninas) da faixa etária de 10 anos de idade.

A atividade de cognição realizada em sala de aula

A atividade didática foi planejada com três imagens (fotos) de diferentes épocas de Goiânia; da construção da cidade à atualidade. A escolha partiu-se do princípio de que os PCN's privilegiam a história local e do cotidiano para as séries iniciais, para que “[...] os alunos ampliem a capacidade ao seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a dia” (BRASIL, 1997, p. 34). Seguindo esse fio condutor, selecionou-se três fotos com imagens de Goiânia para serem estudadas/analizadas em salas de História. Inicialmente, explicou-se que a cidade foi planejada e começou a ser construída em 1933, para ocupar o espaço da capital do estado de Goiás, projeto que se efetivou a partir de 1937, quando se deu a transferência da capital do estado da cidade de Goiás para nova circunscrição geográfica e política. As imagens/fotos são de três

momentos da história de Goiânia; a primeira retrata o início da construção, a segunda a cidade já construída, e a terceira representa a cidade numa perspectiva atual. São fotos de um mesmo ângulo, ou seja, a panorâmica da Praça Cívica² em direção à Avenida Goiás (centro da imagem), à esquerda e à direita são as Avenidas Tocantins e Araguaia.

Teve-se, portanto, o cuidado em planejar a atividade para que os estudantes se sentissem motivados para respondê-la. O objetivo foi estimular e instigar a produção do conhecimento histórico com a tarefa didática sendo realizada em sala de aula, na presença da professora de história. Antes de qualquer explicação prévia sobre o assunto, apresentou-se aos estudantes o seguinte desafio a ser resolvido em aula de História: *Imagine que você é um historiador e que precisa resolver o mistério de três fotos. Observe-as prestando atenção aos detalhes.*



Foto 1 – Centro de Goiânia em 1943. Fonte: autor desconhecido, ano de 1943.



Foto 2 – Início da construção de Goiânia – 1937. Fonte: Eduardo Bilemjain – 1937.



Foto 3 – Centro de Goiânia atual. Fonte: Adriano Zago, 2011.

Lupas foram entregues aos estudantes e criou-se um clima de mistério com objetivo de instigar, ainda mais, a produção da atividade. Estimulou-se a ideia de investigação histórica, de procura por pistas e vestígios do passado e presente. Com os mistérios a serem resolvidos passou-se a realização da tarefa em sala de aula.



Aluna analisando as imagens da atividade em sala de aula.

Após a conclusão da tarefa pelos estudantes, foram selecionadas 23 narrativas; textos elaborados pelos alunos para esta pesquisa. Considerou-se cada questão respondida num conjunto investigativo narrado sobre o conhecimento da cidade de Goiânia. Nesse sentido, pôde-se observar como cada estudante relacionou a temporalidade (tempo) diferenciando-se as transformações da paisagem apresentada em foto sobre a Cidade. Nos gráficos pôde-se ater ao quantitativo das questões respondidas; por exemplo, no gráfico 1, como as fotos foram analisadas, respondendo a questão com referência à imagem mais antiga.

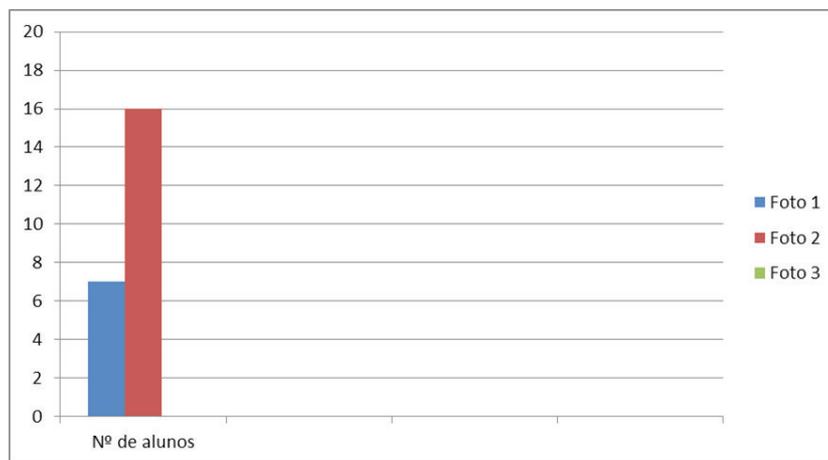


Gráfico 1 – Mistério 1: Qual das fotos é mais antiga? Como você chegou a essa conclusão? Fonte: narrativas de alunos de 5º ano, tarefa realizada em setembro de 2014.

Os alunos disseram: “a foto mais antiga é a segunda”; justificando: “tem menos casas” (Aluno T)³, “ainda não tem asfalto” (Aluna R), “porque é antiga e acabada” (Aluna O), “ainda não tem prédios” (Aluno D). Os que responderam que a primeira foto seria a mais antiga, dizendo: “é porque as ‘casas são mais antigas” (Aluna N), “não tem poste de energia” (Aluno W), “não tem nada ainda” (Aluno P), “ainda não está muito evoluída” (Aluna H). No gráfico, se observa que nenhum estudante considerou a foto 3 como sendo a mais antiga, o que já demonstra uma noção de passado/presente. Percebe-se que, mesmo os que consideraram a primeira foto como mais antiga, justificaram a ideia de evolução e de desenvolvimento. Ou seja, as justificativas são semelhantes às dos alunos que consideraram a segunda foto como mais antiga. Em ambos os casos, há uma percepção de elementos iconográficos, observando a presença ou ausência de asfalto, postes, casas, etc., apresentando-se, portanto, uma relação com o tempo em perspectiva histórica.

É importante salientar que, propositalmente, a ordem cronológica das duas primeiras fotos foi invertida, apresentando-as sem legendas e datas. As fotos de 1937 e 1943 foram apresentadas aos estudantes em preto e branco. Então, foi por meio da observação “pura” das imagens e informações que os educandos já traziam consigo que se poderiam chegar às conclusões dos mistérios históricos colocados para serem resolvidos. Neste caso, a Educação histórica procura dar sentido ao conhecimento que o aluno traz do seu mundo social (fora da escola), considerando que, quando este chega à escola, emanam alguns conceitos já formados. Não se desprezam as ideias (prontas) do jovem (BARCA, p. 2001). Assim, o professor da turma/escola deve estar atento para valorizar o conhecimento que o aluno traz de suas vivências e de sua comunidade.

O objetivo dos professores/pesquisadores na linha da Educação histórica é contribuir com o ensino de história para uma melhor aprendizagem escolar. Dessa forma, a história se torna prazerosa, seja para o aluno que aprende ou para o professor que ensina. Alguns elementos são importantes por conectarem-se a outros, tornando

a aprendizagem significativa. Esses elementos precisam ser estabelecidos para a história ter sentido, sendo que um dos fios desse caminho é unir teoria e prática, e assim, valorizar o conhecimento adquirido fora da escola. Nesse aspecto, os [...] referenciais supremos que emprestam significado à ação e à paixão (RÜSEN, 2001, p. 31) são pertinentes à pesquisa ao investigar o conhecimento histórico de alunos. As narrativas de alunos são um tipo de fonte importante para a compreensão da “consciência histórica” sobre os vestígios do passado e do presente. É preciso considerar que a “[...] teorização da consciência histórica recoloca o sujeito na História [...]” (BARCA, 2011, p. 20). Esta autora mapeou em narrativas de estudantes portugueses, moçambicanos, caboverdianos e brasileiros⁴, os tipos de consciência dos alunos desses países, considerando as quatro tipificações formuladas por Rüsen (SCHMIDT; BARCA, 2010), são níveis de consciência histórica dos estudantes a respeito de seu mundo e do mundo dos outros.

Para a análise de narrativas escolares (texto elaborados por alunos), deve-se atentar para a apreensão de artifícios que compõem o exercício didático do ensinar, da importância das informações sociais, culturais, das tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) fora do ambiente escolar, assim como das redes sociais, que têm relevância para os adolescentes.

No século XXI, a criança (adolescente) traz para o ambiente escolar, informações aprendidas no mundo da mídia e da tecnologia, uma vez que se tem o acesso ao mundo dos meios de comunicação e da internet diariamente. Esses instrumentos são meios de aprendizagem, os quais são acessíveis aos alunos cotidianamente, seja pelo computador ou pelo celular. Nesse sentido, torna-se urgente a inclusão de metodologias nas aulas que tragam à luz a internet como veículo didático para a aprendizagem escolar.

O trabalho didático desenvolvido com as imagens é um dos caminhos viáveis para o desenvolvimento do conhecimento escolar. Nesse aspecto, é inegável o interesse dos alunos na realização do exercício. Os dados apontam como é possível ensinar história com sentido.

No gráfico 2, pode-se observar o quantitativo das respostas acerca da pergunta: se as fotos eram de um mesmo lugar ou de lugares diferentes, os alunos deveriam responder o que achavam.



Gráfico 2 – Mistério 2: As fotos são de um mesmo lugar ou são de lugares diferentes? Por que você acha isso? Fonte: narrativas de alunos de 5º ano, tarefa realizada em setembro de 2014.

Dos alunos que conseguiram perceber que se tratava de um mesmo lugar, oito justificaram que são as mesmas ruas; seis disseram ser de anos diferentes, “mais atualizada” (Aluna A), “anos diferentes” (Aluno M), “só muda que a cidade cresceu e involuiu [sic]” (Aluna O); e dois perceberam que há o mesmo prédio nas duas primeiras imagens. Um aluno disse que a cidade foi destruída e estaria sendo reconstruída. Dos alunos que narram ser de lugares diferentes, seis justificam que “olhei na imagem” (Aluno I), “dá pra perceber” (Aluna G) e um aluno justifica que cada uma é de um ano. A maioria dos educandos percebeu tratar-se de um mesmo lugar, justificando a resposta com a observação atenta das imagens e da relação das mudanças da paisagem com a passagem temporal. Enquanto aqueles que disseram ser de locais diferentes, não justificam bem a resposta. Talvez isso se dê por falta de argumentação/conhecimento histórico, ou por não conseguir fazer a relação tempo/espaço, possivelmente pela ausência de explicações mais detalhadas ou de estudos sobre a cidade de Goiânia.

No gráfico 3, a pergunta sobre a data aproximada das fotos pode-se observar que a datação num passado próximo.

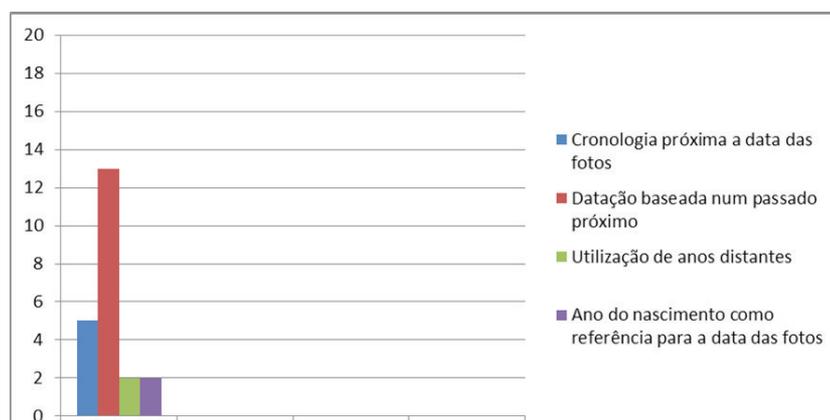


Gráfico 3 – Mistério 3: Qual a data aproximada das fotos? Fonte: narrativas de alunos de 5º ano, tarefa realizada em setembro de 2014.

A maioria das respostas se refere a datas com passado próximo, geralmente usando as décadas de 1990 e a primeira década do século XXI. Um exemplo de cronologia mais próximo às datas das fotos seria: “na época em que os policiais mandavam no Brasil” para foto 1; “1900” para a foto 2, e “2000 a 2010” para a foto 3 (Aluno D). Nessa questão, houve heterogeneidade de respostas, o que corrobora a ideia de que, geralmente, crianças nessa faixa etária, têm dificuldades em datar fatos. Nessa idade, a criança está passando do operatório para o abstrato, ou seja, está organizando suas ações no tempo e no espaço, o que pode ser chamado de “lógica das ações”. É um momento de construir sua capacidade lógica na medida em que atribui significados ao real (PALANGANA, 2001, p. 21-22). Percebe-se que, mesmo sem uma noção objetiva de datação, os educandos apresentaram um conhecimento temporal. É isso o que importa na pesquisa, ou seja, no trabalho didático com crianças dessa faixa etária.

No gráfico 4, sobre a nomenclatura do lugar, ao serem questionados em relação a como se chegou a essa conclusão, observa-se que as respostas dos alunos são bem diversificadas.

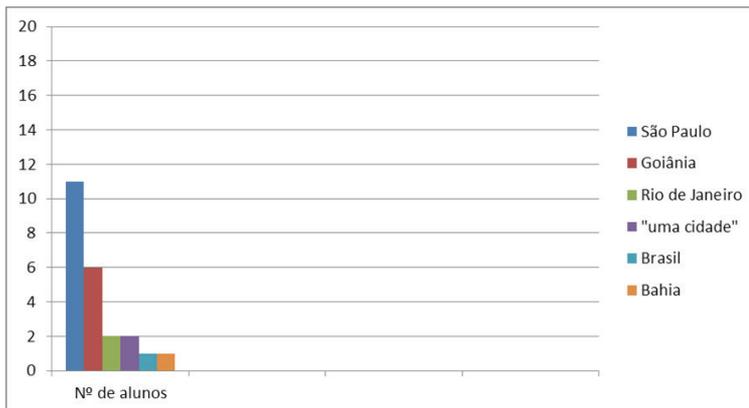


Gráfico 4 – Mistério 4: Que lugar é esse? Como você chegou a essa conclusão?

Fonte: narrativas de alunos de 5º ano, realizada em setembro de 2014.

Os alunos que imaginaram ser São Paulo, dizem que é “movimentado”, “avançado”, “tem tecnologia”. Os que identificaram com Goiânia, reconheceram o lugar, perceberam a bandeira (foto 3), a “*estátua do Anhanguera*” (Aluno D) – obelisco da foto 1, semelhante à estátua do Anhanguera exposta em uma pequena torre no centro da Cidade, praça do Bandeirante, entre as avenidas Anhanguera e Goiás. Aqueles que dizem ser o Rio de Janeiro apresentam justificativas semelhantes aos que pensam se tratar de São Paulo. Os alunos G e V não se arrisgam a identificar o lugar e respondem que é uma cidade, devido às ruas, prédios, casas. O aluno T, diz que é o Brasil, e não justifica sua resposta e o aluno U, pensa ser a Bahia, “*por causa da foto 2*”.

Aqui é possível notar que parte considerável dos alunos não percebe Goiânia como uma cidade desenvolvida, então relaciona a terceira imagem a famosas metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro. Ou, identificam e denominam uma cidade, respondendo ser a Bahia, Brasil ou “uma cidade”. Então, com exceção daqueles que

conseguem perceber que se trata de Goiânia, pode-se acreditar que a relação desses alunos com a cidade em que residem é muito restrita, visto que são alunos da periferia de Goiânia e que há um grande número de estudantes migrantes do norte e nordeste do país na escola.

A região em que se localiza a escola é periférica e concentra um grande número de pequenas fábricas de móveis em geral. Dentre os trabalhadores dessas fábricas, há uma quantidade considerável de migrantes do norte e nordeste, especialmente Pará, Tocantins e Maranhão. Os filhos desses trabalhadores estudam na escola e alguns deles responderam a atividade. Portanto cabe indagar, partindo da constatação de que são crianças migrantes, se elas frequentam esses lugares da Cidade.



Gráfico 5 – Mistério 5: Por que as fotos são tão diferentes umas das outras?

Fonte: narrativas de alunos de 5º ano, tarefa realizada em setembro de 2014.

Nas justificativas do mistério 5, há aqueles que dizem ser fotos diferentes, pois são de anos diferentes. Outros justificaram a diferença entre as fotos pelo avanço da tecnologia, por ter mais movimento e construções. Alguns alunos relacionaram a passagem do tempo com o avanço tecnológico, com a ideia de desenvolvimento e evolução. Apenas três alunos justificaram que são diferentes, pois são de lugares diferentes e dois disseram que são diferentes, porque são diferentes e não apresentaram nenhuma justificativa.

Das 23 atividades (narrativas) analisadas, apenas cinco apresentaram justificativas e, dentre elas, não apareceu a ideia de passagem temporal como motivo das fotos serem diferentes entre si. Então, independentemente de datação, a maioria dos alunos conseguiu fazer inferências históricas ao analisarem as imagens, apresentando, assim, um raciocínio histórico, uma lógica temporal.

A partir de algumas narrativas, percebe-se claramente a interpretação em relação às imagens e, não obstante, em relação ao passado, como por exemplo: “Porque são de datas diferentes, tem uma construindo, uma cidade construída e uma cidade mais ivoluída.” (Aluno B). “Porque com o decorrer do tempo a tecnologia vai avançando, e a aparência dos lugares vam se modificando.” (Aluna A). “Porque quando vai

passando o tempo as coisas vão ficando mais tecnológicas, tipo carro não tinha quase nada do que o de agora. Na que época não existia celular digital, não existia as coisas eletrônicas de hoje” (Aluno E).

Nessas narrativas, o passado é recuperado a partir da “interdependência” passado, presente e futuro. Segundo Schmidt (2010) ao tratar da *cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta?* Reporta-se aos conceitos de Rüsen (2001, p. 45) no sentido da “representação de continuidade”, que o autor define como a íntima interdependência entre passado, presente e futuro e que serve à orientação da vida humana prática atual. Ou seja, ‘a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o presente aparece como uma continuação no futuro’.

A partir da análise e da quantificação das fontes, ou seja, das narrativas produzidas pelos alunos, foi possível notar que a maioria deles conseguiu relacionar a mudança do espaço à passagem do tempo, apresentando um conhecimento histórico. Alguns estudantes não conseguiram fazer tal relação, mas apresentaram ideias que remetem à História, como “mais antigo”, “mais avançado”. Poucos alunos não conseguiram fazer essa relação e ideias históricas não apareceram nas respostas, como se houvesse uma ausência de passado, o vazio do passado. A grande maioria lidou de forma investigativa em relação às imagens, procurou elementos iconográficos para justificar as respostas, como a presença ou ausência de prédios e casas, o desenho das ruas, as árvores, o asfalto, as “coisas antigas”, etc. Ainda não há um sentimento de pertencimento consolidado com a cidade, visto que a maioria não reconhece Goiânia e identifica-a ao centro desenvolvido da cidade de São Paulo. Nesse caso, visitar com os alunos as ruas que aparecem nas imagens completaria a tarefa como pesquisa histórica do meio. A visita como estudo do “meio” se tornaria em um “quebra-cabeça histórico genuíno” (COOPER, 2012, p. 36). E, assim, forneceria-se a base da aprendizagem para a realização da atividade didática.

Vale ressaltar que os alunos se interessaram e dedicaram-se à realização da atividade em sala de aula, notadamente aqueles mais ativos que, muitas vezes, não se interessam ou não respondem às atividades propostas. Foi importante observar que alunos que ainda estão em processo de alfabetização se destacaram oralmente. Nesse caso, dois educandos que não conseguiam se expressar por meio da escrita, de forma autônoma, tiveram a oportunidade de responder a tarefa oralmente, a professora registrou as respostas sem nenhuma intervenção. Um deles, ao justificar o porquê das fotos serem do mesmo lugar, identificou a existência de um mesmo prédio, no caso, o *Grande Hotel*. Esse hotel aparece na primeira e segunda foto. Diz ele “[...] é o mesmo prédio professora, tá vendo? – e mostra com a lupa – Mas são de anos diferentes” (Aluno T). A realização desta atividade traz resultados satisfatórios no sentido de poder observar como os alunos são ávidos para apreensão de aprendizagens. Cabe, portanto, indagar quais caminhos o professor deve selecionar para ensinar história com sentido para crianças na faixa etária de 10 anos de idade.

Com esta pesquisa e outras, é possível perceber a importância do trabalho didático realizado no curso de formação de professores que permitiu desenvolver estudos e pesquisas no ensino de história a partir da metodologia da Educação Histórica

para dar sentido às aulas de História. E, assim, assimilar novos rumos para uma aprendizagem histórica mais prazerosa, pois com a experiência teórica e prática é possível realizar investigações do tempo passado e presente e acenar ao tempo futuro, sobretudo à compreensão de contextos socioculturais vivenciados pelos educandos.

Referências

- ARROYO, M. G. **Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores**. Educação e Sociedade, Campinas: n. 68, p. 143-162, dez./1999.
- BARCA, I. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, I. **Consciência Histórica na Era da Globalização**. Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Realizadas de 15 a 18 de Julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho/Museu D. Diogo de Sousa, Braga/Pt, p. 7-27.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 19 mai, 2015.
- COOPER, H. **Ensino de História na educação infantil e anos iniciais** – Um Guia para Professores. Trad. Rita de Cássia Jankowski, Maria Auxiliadora M. S. Schmidt; Marcelo Fronza, Curitiba: Base Editorial, 2012.
- NARRATIVAS de alunos, turma E, do Ciclo II, da Escola Municipal Prof. Lourenço Ferreira Campos. Goiânia. set./2014.
- PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância social. 5.ed. – São Paulo: Summus, 2001.
- PREFEITURA de Goiânia. Secretaria de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência**: Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano. Resolução – CME n. 119, 25 de junho de 2008, Rede Municipal de Educação de Goiânia. Goiânia, 2009.
- RÜSEN, J. **Razão histórica**: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão Costa de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- SCHMIDT, M. A. Cognição histórica situada: Que aprendizagem histórica é esta? In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. **Aprender história**: perspectivas da educação histórica. Ijuí/PR: Ed: Unijuí, p. 21-51, 2009, v. 3
- SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; et. al. (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2010.

Notas

¹ Esta pesquisa é parte das atividades didáticas e metodológicas (teóricas e práticas) realizadas no Curso de Formação de professores intitulado *Educação histórica: ensino e pesquisa dos saberes escolares*, no ano de 2014, ministrado pelo Centro de Formação de Professores da Secretaria Municipal de Goiânia em parceria com a Faculdade de História da UFG, sob a coordenação das Professoras Warlúcia Pereira Guimarães, pela Secretaria Municipal de Educação, e Maria da Conceição Silva, pela Universidade Federal de Goiás, e com a colaboração do professor Rafael Teixeira Saddi, da Universidade Federal de Goiás.

² A Praça Cívica foi uma das primeiras praças construídas na Cidade, onde se localiza o Palácio das Esmeraldas (sede administrativa) e alguns prédios públicos.

³ Optou-se por classificar as atividades dos/das alunos/as identificando-os/as com letras ao invés dos nomes e optou-se por designá-los todos como alunos.

⁴ A pesquisa em narrativas de alunos de países como Portugal, Moçambique, Cabo Verde e Brasil, entre 15 e 17 anos de idade, intitula-se “Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos”, foi apresentada nas XI Jornadas internacionais de Educação histórica, – Consciência histórica na era da globalização– na Universidade do Minho, Braga, em julho de 2011.

* Professora doutora da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

** Professora da Rede Municipal de Ensino de Goiânia, Goiânia, Goiás, Brasil.

Correspondência

Maria da Conceição Silva – Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia – CP. 131, CEP: 7400-970, Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: mariacsgo@yahoo.com.br – nicefleury@hotmail.com

Recebido em 08 de julho de 2015

Aprovado em 06 de agosto de 2015